

Resenha de "Produção de Texto: A Redação do ENEM", de Renata Amaral de Matos Rocha e José Ribamar Lopes Batista Júnior

Review of "Produção de Texto: A Redação do ENEM" by Renata Amaral de Matos Rocha e José Ribamar Lopes Batista Júnior

Peterson Luiz Oliveira da Silva

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Por vezes se vislumbra no campo do ensino de línguas contemporâneas um “abismo” entre a teoria e a prática. Problema antigo e já amplamente discutido por estudiosos de renome em todas as áreas do saber (a exemplo de Paulo Freire e John Dewey), esse abismo, não raro, manifesta-se como um descompasso entre a universidade - o espaço da teorização - e a escola - o local da prática -, nos termos de Leffa (2008). Muitas obras acadêmicas tentam, pois, superar esse distanciamento, como é o caso de “Produção de texto: a redação do ENEM”, livro disponibilizado como e-book, de forma gratuita, pela editora Pimenta Cultural. Organizada por Rocha e Batista Junior (2022), a coletânea de sete textos versa sobre o Exame Nacional do Ensino Médio (doravante ENEM), tema muito necessário na atualidade, haja vista a escola preocupar-se em preparar os estudantes para o referido teste. Destarte, esta obra foi escolhida para ser resenhada por trazer textos que, de forma (in)direta, contribuem para (a) ampliar a compreensão do sistema de avaliação da redação desse exame, (b) estreitar a relação entre teoria e prática pela atuação do professor de línguas e, por fim, (c) exemplificar uma forma da universidade estar mais próxima das escolas.

No primeiro capítulo, por meio do texto “Conhecendo o ENEM e a redação a partir da dimensão da escrita”, explica-se para o leitor de uma forma geral como o exame funciona. Esse capítulo assume uma notória importância para o devido entendimento dos demais, uma vez que mapeia para o leitor o que será debatido. Fonseca e Petermann (2022) elucidam que há alguns critérios de avaliação que estariam “escondidos” no texto; um deles seria o “motivo pelo qual se escreve”. Segundo eles, esse motivo é fundamental para guiar a produção e fazer com que o produto final seja mais convincente para um possível interlocutor; nessa direção, são feitos dois movimentos argumentativos: é explicado que a principal finalidade atrelada ao ENEM é o ingresso nas universidades e, depois, é questionado ao leitor por que ele quer fazer essa prova.

Essa reflexão inicial é fundamental para explicar as cinco competências avaliativas do referido exame e evidenciar possíveis dimensões avaliativas que não estão explícitas em seus parâmetros.

No capítulo dois, Negócio e Oliveira (2022) apresentam o texto “Como ler, compreender o ponto de vista da proposta e escrever sobre qualquer tema”, dividido em três seções. Na primeira, os autores debatem a importância da leitura para a produção da redação no ENEM e fazem uma longa interpretação dos textos de apoio que compuseram a prova do ano de 2018 (“Manipulação do comportamento do usuário pelo controle de dados na Internet”). Ao considerar a natureza do texto, um capítulo de livro acadêmico, esperava-se um debate mais profundo sobre a habilidade de leitura, que é tão importante para a construção de texto, independentemente da esfera e do ambiente de produção. Nesse ínterim, vale citar Santos et al. (2021), que nos ensinam que a leitura não deve ser feita apenas para buscar informações, mas para ampliar o conhecimento, desde que se reconheça que há textos que devem ser lidos de múltiplas formas — alguns podem ser apenas em partes, outros de forma esquematizada. Por outro lado, o teor didático do capítulo contribui para reduzir o abismo entre a universidade e a escola, uma vez que ficam muito evidentes as formas como os textos motivadores dessa prova em específico devem ser lidos — para o professor, no sentido de entender o esquema de organização, e para o aluno, de compreender a leitura. Na segunda seção do capítulo, intitulada “Tese, Antítese e Argumentação”, os autores definem a tese como a ideia principal e alegam que, para que o candidato possa escolher argumentos para fazer sua redação, é necessário que esta seja localizada nos textos de apoio; a antítese seria “uma ideia que se contraponha ao tema” (Negócio; Oliveira, 2022, p. 38) e contribuiria para o candidato avaliar o texto de forma mais crítica. Novamente, não há uma definição mais profunda sobre esses elementos que emergem na discussão, tampouco um aporte teórico que nos permita avaliar melhor esse processo de formação da escrita proposta. Porém, se persistimos na ótica de superar barreiras entre os ambientes escolar e universitário, o capítulo cumpre seu papel, uma vez que ilustra de forma didática e com linguagem bastante acessível a vários públicos conceitos abstratos sobre os quais há uma longa bibliografia que, por vezes, inclusive, podem ser antagônicas entre si. Por fim, nas considerações finais, há um apanhado das informações debatidas ao longo do texto, e sugere-se ao leitor que as informações obtidas no processo de leitura contribuem para outros critérios de avaliação.

No terceiro capítulo, Mello, Belo e Batista Junior (2021) dissertam sobre “Como fazer o projeto de escrita, inserir citações e estabelecer o efeito surpresa na escrita”. Na introdução do texto, os autores esboçam uma explicação genérica do conceito de gênero discursivo na ótica de Bakhtin (2003) e focam em evidenciar que os gêneros têm como atributo primordial a relativa estabilidade estrutural. Para ilustrar outros pontos que caracterizam os gêneros discursivos bakhtinianos, os autores usam como exemplo o gênero entrevista e explicam que, na redação modelo ENEM, são considerados dois princípios para estruturá-la: 1) a estrutura argumentativa, tradicionalmente

dividida em introdução com uma tese, desenvolvimento com argumentos e conclusão com proposta de intervenção; 2) a utilização de estratégias argumentativas empregadas ao longo do texto para defender a tese. Na segunda seção do capítulo, partindo da explicação das características do gênero exigido na prova de redação em questão, os autores propõem uma ideia de “arquitetura do texto”, em que analisam uma redação que obteve nota máxima no exame de 2019, cujo tema foi “Democratização do acesso à saúde no Brasil”. A análise feita pelos autores não é de base teórica, já que não discutem conceitos relevantes para a ideia de “arquitetura textual” — como sugere o nome da seção — (e, se o fazem, não mencionam), pois apenas analisam aquilo que foi dito e separam os argumentos em categorias (citação, reportagem, perguntas etc.). O texto é finalizado com uma última seção, em que é destacado que tão relevante quanto “conhecer as características do gênero, é compreender as problemáticas que se fazem presentes em nossa sociedade” (Mello; Belo; Batista Júnior, 2021, p. 43), fazendo uma referência à necessidade de os produtores de texto modelo ENEM estarem atentos à sociedade como um todo. Por fim, é importante pensar na contribuição que esse texto poderia trazer para aproximar a teoria da prática: ainda que seja um trabalho feito com muito cuidado em suas análises, parece faltar ao capítulo um aprofundamento teórico, uma vez que seu olhar está mais voltado para a observação da prática.

No quarto capítulo, de título “Compreendendo as competências 1 e 4 da redação do ENEM: modalidade formal da língua portuguesa e elementos de coesão textual”, Lima (2022) introduz suas reflexões comparando o texto a um bolo: não podemos levar em consideração apenas o conteúdo, mas o modo como se dará forma ao bolo e, por analogia, ao texto. Para o autor, essa forma do texto se divide em duas: o domínio da norma culta e o uso dos elementos de coesão, competências 1 e 4, respectivamente, avaliadas no ENEM. É importante citar que Lima (2022) deixa evidente quem são seus interlocutores, isto é, possíveis estudantes em preparação para o exame; além de direcionar seu padrão de linguagem para esse público, também são estabelecidos vários momentos de interlocução. Fez-se relevante essa consideração porque leva-nos a pensarmos sobre as formas como a teoria — abordada de modo mais basilar nas universidades — poderia estar relacionada à prática, com a academia escrevendo para os alunos da escola. Nesse quesito, o texto cumpre com louvor seu objetivo ao explicar para os estudantes a diferença entre norma padrão e norma culta, além de elucidar a importância dos elementos de coesão textual para a fluidez da argumentação do texto. Lima (2022) encerra o capítulo sugerindo a seus leitores a necessidade da prática da leitura para a ampliação do repertório dos elementos linguísticos que compõem o texto.

No quinto capítulo, Rocha e Campos (2022) trazem o texto “Compreendendo as competências 2 e 3 do ENEM: tema, temática e a importância da articulação coerente de ideias”. Este texto contribui substancialmente para o apagamento da fronteira que distancia a teoria da prática, uma vez que os autores conseguem partir de conceitos mais robustos, sobretudo quando pensamos em um possível público para o livro, e os desenham de forma estratégica e organizada para o leitor. Na

página 84, por exemplo, Rocha e Campos (2022) ilustram com uma nuvem de palavras a explicação de abordagem temática — avaliada na competência 2; já na página 90, elucidam a essência da competência 3: “o ideal é que você faça um planejamento prévio da escrita, ou seja, elabore um projeto de texto que nada mais é do que uma preparação do texto que você vai escrever” (Rocha; Campos, 2022, p. 90). Didatizar essas informações, mas sem deixar de fundamentar de forma teórica os conceitos mobilizados, é uma relevante contribuição desse texto quando pensamos na aproximação entre universidade e escola.

No penúltimo capítulo, Marques *et al.* (2022) apresentam “Construindo a intervenção como ser um cidadão do mundo, no mundo e para o mundo: ações críticas de superação das problemáticas sociais”. Nas três primeiras seções, os autores explicam ao leitor que a proposta de intervenção é uma estratégia de conclusão do texto dissertativo-argumentativo, mas que no ENEM deve seguir critérios específicos para ser avaliada com nota máxima, já que, como aclararam na quarta seção, é um critério de avaliação da redação. Ao longo da discussão, são debatidos apenas pontos relacionados à forma de fazer esse parágrafo do texto, sem propor ao leitor uma reflexão sobre “ser um cidadão” em “várias” esferas do mundo — como o próprio título do capítulo evidencia.

Por fim, o último capítulo, “Revisão da redação, avaliação do texto e reescrita”, consiste em uma reflexão de Silva (2020) sobre o processo de escrever e avaliar aquilo que foi escrito. A autora consegue, de forma muito fluida e didática, orientar o público do livro a trabalhar os “3Rs” do texto: rascunho, revisão e reescrita. No que concerne a esse processo, Fuzer (2012) discorre sobre a importância de o estudante ser o avaliador de seu próprio texto, motivo pelo qual cabe ao professor orientar a reescrita do texto a partir da construção do senso crítico do estudante em relação aos critérios que estão em questão. Silva (2020), ao longo do capítulo, também propõe exercícios para os leitores, com a finalidade de fomentar as habilidades debatidas por ela. Quando pensamos em aproximar a teoria da prática, este capítulo também evidencia muito bem os caminhos para isso: alcançar o que há de melhor na teoria e esquematizá-la para um público que geralmente está afastado de textos científicos.

Para que não se cometam injustiças com a obra, é importante ressaltar que ela foi analisada a partir da perspectiva de evidenciar a aproximação da teoria e da prática, entre a escola e a universidade, aspecto que eventualmente não está enfatizado em um projeto como um livro coletivo, ou mesmo que nem sempre é considerado de igual forma por todos que dele participam. Mesmo que talvez não tivesse explícita a intenção de superar abismos entre teoria e prática, ou entre a atuação do professor na escola e do cientista na universidade (Leffa, 2008), o livro serve para tal finalidade. “Produção de texto: a redação do ENEM” contribui com esse referido propósito porque busca explicar para um leitor mais inexperiente na redação do ENEM (leitor este que não é definido na apresentação do livro, mas que pode ser inferido pelas marcas de textualidades comuns a todos os capítulos) os critérios de avaliação da redação, sem abandonar

a abordagem da teoria (mesmo que alguns capítulos não tenham uma relação teórica bem determinada). Por fim, sugere-se a leitura da obra, por construir uma ponte sólida entre as discussões teóricas feitas na academia e as necessidades práticas de professores e estudantes preocupados com esse importante teste, a escrita da redação, que ocupa papel de destaque nesse exame de acesso ao ensino superior, o ENEM.

Referências

- BAKHTIN, Mikhael. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikhael. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- FUZER, Cristiane; Bilhete orientador como instrumento de interação no processo ensino-aprendizagem de produção textual. **Revista Letras**, v. 22, n. 44, p. 213-245, 2012.
- LEFFA, Vilson José. Malhação na sala de aula: o uso do exercício no ensino de línguas. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 8, n. 1, p. 139-158, 2008.
- ROCHA, Renata Amaral de Matos; BATISTA JÚNIOR, José Ribamar Lopes (orgs.). **Produção de texto: a redação do ENEM**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022. 137 p. Disponível em: <https://www.pimentacultural.com/>. Acesso em: 28 set. 2024.
- SANTOS, Raimundo Brito Oliveira; OLIVEIRA, Helen Cristina de; CARVALHO, Júlio de Jesus; JORGE, Rita Silva; GUIMARÃES, Erika Oliveira; CUNHA, Iara Maria da Silva; FURTUNATO, Kamila Vitória; QUEIROZ, Natan Reis de; SILVA, Keyla Souza Barbosa da. The importance of reading in the classroom. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 10, n. 4, p. e33510414129, 2021. DOI: 10.33448/rsd-v10i4.14129. Disponível em: <https://rsdjurnal.org/index.php/rsd/article/view/14129>. Acesso em: 29 set. 2024.